



Sociedade Brasileira de
Geriatria e Gerontologia

SBGG ARTIGOS COMENTADOS FEVEREIRO 2020

Por Rubens De Fraga júnior

geripar@gmail.com

***À medida que envelhecem,
mulheres são mais frágeis e
mais resilientes que os
homens***

À medida que envelhecem as mulheres tendem a ter um pior estado de saúde e são mais frágeis, mas são mais resilientes e têm maior expectativa de vida do que os homens, de acordo com os autores de uma revisão sobre fragilidade, publicada pelo Medical Journal of Australia.

A fragilidade pode ser definida como um estado de maior vulnerabilidade associado a resultados adversos à saúde.

"Estima-se que pouco mais de 10% dos adultos da comunidade com 65 anos ou mais são frágeis", escreveram os autores, Dra. Emily Gordon, consultora geriatra, e professora Ruth Hubbard, do Centro de Pesquisa em Serviços de Saúde, da Universidade de Queensland.

"Um idoso frágil leva mais tempo para se recuperar após qualquer tipo de insulto (como infecção, infarto ou reações adversas a medicamentos) e durante o período de recuperação é mais vulnerável a outros estressores. O aumento da fragilidade está associado a apresentações de condições sindrômicas; quedas, delírium, declínio funcional e nova incontinência urinária podem refletir doenças agudas em idosos frágeis e nunca devem ser descartados como 'normais para a idade", dizem no estudo.

Gordon e Hubbard descreveram as diferenças de fragilidade entre homens e mulheres como o "paradoxo da fragilidade sexual".

"Nas populações da comunidade com idade superior a 65 anos, é mais provável que as mulheres sejam frágeis e tenham um maior ônus de fragilidade do que homens da

mesma idade. No entanto, as mulheres parecem ser mais resilientes - em qualquer idade ou nível de fragilidade, suas taxas de mortalidade são mais baixas", escreveram eles.

"Embora a base de evidências para intervenções de fragilidade específicas ao sexo esteja faltando no momento, o conhecimento e as hipóteses obtidas a partir de dados observacionais devem inspirar programas de pesquisa, instigar iniciativas de saúde pública e pronta reflexão pelos profissionais de saúde", concluíram.

Fonte: Emily H Gordon et al. Differences in frailty in older men and women, *Medical Journal of Australia* (2019). DOI: [10.5694/mja2.50466](https://doi.org/10.5694/mja2.50466)

Envelhecimento com segurança: envelhecer em uma casa inteligente requer tecnologia para monitorar a saúde e o comportamento

Com o envelhecimento da população, há uma necessidade crescente de que uma casa inteligente seja capaz de monitorar a saúde e o comportamento, a fim de permitir que as pessoas continuem vivendo em suas casas de forma independente. Uma pesquisa publicada no International Journal of Ad Hoc e Ubiquitous Computing mostra como sensores de movimento, atuadores e sistemas de vigilância podem ser usados em diferentes salas de uma casa para monitorar as pessoas que realizam tarefas domésticas, como cozinhar e limpar e outras atividades, como usar o banheiro, assistir televisão, participar de hobbies e dormir.

Yo-Ping Huang, do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Nacional de Tecnologia de Taipei, em Taiwan, e colegas sugerem que as saídas de sensores e monitores podem ser alimentadas por um algoritmo treinado para

reconhecer o comportamento normal e sinalizar problemas quando uma pessoa está inesperadamente imobilizada ou realizando uma atividade incomum em uma parte da casa onde essas atividades não são comumente realizadas. O sistema pode então alertar os profissionais de saúde ou membros da família de que pode haver uma crise em andamento.

A equipe simulou o comportamento e testou o sistema e seus resultados mostram que o sistema proposto supera as máquinas de vetores em termos de pontuação e precisão na identificação das atividades diárias.

Os pesquisadores acrescentam que, em seguida, integrarão o sistema ao reconhecimento de voz para permitir o controle remoto dos aparelhos usados na vida diária, além de tornar os dispositivos sem fio e móveis conectáveis para que os prestadores de cuidados possam aproveitar situações potencialmente perigosas ou com risco de vida à medida que surgirem na casa da pessoa sem a presença de cuidadores.

Fonte: Yo Ping Huang et al. Sensor-based detection of abnormal events for elderly people using deep belief

networks, *International Journal of Ad Hoc and Ubiquitous Computing* (2020). DOI: [10.1504/IJAHUC.2020.104714](https://doi.org/10.1504/IJAHUC.2020.104714)

Médicos alertam para a disfunção sexual pós-antidepressivos

Psiquiatra especializado em disfunção sexual causada por antidepressivos está pedindo um maior reconhecimento dos problemas que podem durar após a interrupção do tratamento. O professor David Healy, da Universidade de Bangor, escrevendo no Journal of the Royal Society of Medicine, disse que os problemas podem começar após apenas algumas doses e deixar alguém afetado por toda a vida, ou uma disfunção relativamente leve pode piorar drasticamente quando a pessoa interrompe o tratamento.

Chamada de Disfunção Sexual Pós-antidepressivos, as principais características da condição são perda ou diminuição do orgasmo e da libido. Segundo o professor

Healy, muitos pacientes estão preocupados com características adicionais, como embotamento emocional ou desrealização. Ambos os sexos, todas as idades e todos os grupos étnicos podem ser afetados.

O professor Healy disse: "10% das pessoas com anos de atividade sexual em países desenvolvidos estão em uso de antidepressivos cronicamente. Quase 20% da população, portanto, pode não ser capaz de fazer sexo da maneira que deseja. Em algumas áreas, o número pode ser muito maior. Alguns provavelmente se confortam com o pensamento de que, ao interromper o tratamento, voltarão ao normal, quando na verdade podem ser ainda menos capazes de funcionar".

Em junho de 2019, em resposta a uma petição apresentada pelo professor Healy e colegas em 2018, a Agência Europeia de Medicamentos pediu às empresas farmacêuticas que avisassem que a disfunção sexual pode perdurar após a interrupção do tratamento com antidepressivos.

"Há uma grande necessidade de reconhecer essas disfunções sexuais duradouras relacionadas ao tratamento

e identificar como elas surgem e podem ser tratadas", afirmou o professor Healy.

Fonte: David Healy, Antidepressants and sexual dysfunction: a history, *Journal of the Royal Society of Medicine* (2020). DOI: [10.1177/0141076819899299](https://doi.org/10.1177/0141076819899299)

Relatório fornece o maior conjunto de dados clínicos e tratamento de novos casos do coronavírus na China

Uma nova análise, publicada no *The Lancet*, inclui 99 pacientes com novo coronavírus 2019 confirmado por laboratório (2019-nCoV) que foram transferidos para o Hospital Jinyintan, um hospital de doenças infecciosas adultas que admitiu os primeiros casos de 2019-nCoV de hospitais de Wuhan, entre janeiro 1 e 20 de janeiro de 2020. O estudo inclui os primeiros 41 casos de Wuhan relatados no *The Lancet*.

Os autores combinaram registros clínicos, resultados laboratoriais e achados de imagem com dados epidemiológicos. A maioria dos pacientes era de meia-idade (média de 55,5 anos) e do sexo masculino (67 pacientes), e cerca da metade tinha um histórico de exposição ao mercado de frutos do mar Huanan (49 pacientes) - a maioria dos quais (46 pacientes) trabalhava no mercado como gerentes ou vendedores.

Cerca de metade dos casos (50 casos) ocorreu em pessoas com doenças crônicas subjacentes, incluindo doenças cardiovasculares e cerebrovasculares (40 pacientes) e diabetes (12 pacientes). Todos os pacientes internados no hospital apresentavam pneumonia - a maioria estava manifestada nos dois pulmões (74 pacientes). A maioria também apresentou febre (82 pacientes), tosse (81) e um terço com dispnéia (31). Cinco pacientes críticos também sofreram coinfeções com bactérias (1 paciente) e fungos (4).

A maioria dos pacientes foi tratada com antivirais (75 pacientes), antibióticos (70) e oxigenoterapia (75), com bom prognóstico. No entanto, 17 pacientes desenvolveram síndrome do desconforto respiratório agudo (SDRA), 11 dos quais morreram por falência de múltiplos órgãos.

Mais da metade dos pacientes (57 pacientes) ainda está no hospital e quase um terço (31 pacientes) receberam alta até 25 de janeiro de 2020.

Os autores apontam que, embora este seja o maior estudo do gênero, envolvendo 99 casos confirmados de 2019-nCoV, são necessários estudos maiores, incluindo pacientes de outras cidades e países, para obter uma compreensão mais abrangente desse novo coronavírus.

Fonte: *The Lancet* (2020). [DOI: 10.1016/S0140-6736\(20\)30211-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30211-7). Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30183-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30183-5/fulltext)>.